

Mercado desorientado

por Tom Camargo
de Londres

Os mercados europeus de dinheiro, ações e metais preciosos deixaram ontem claro que ainda não sabiam interpretar com clareza quais as consequências que advirão da decisão do Citicorp, maior grupo bancário norte-americano e maior credor externo do Brasil, de aumentar em US\$ 3 bilhões suas provisões para devedores duvidosos com residência no Terceiro Mundo.

A nuvem cinza começou a tomar forma em Tóquio, onde o anúncio do Citi provocou a segunda maior queda diária do Índice Nikkei, que perdeu 652 pontos, ficando em 23.419.

Cerca de três horas após o fechamento de Tóquio, quando os negócios começaram na última praça europeia a abrir, que é a City de Londres, "ninguém ainda conseguia entender se a decisão do Citi era para o bem ou para o mal", como

disse a este jornal um economista da Nomura Securities japonesa.

Tal dúvida acabou não sendo resolvida no transcorrer do dia de trabalho, tanto que as grandes mesas de cada especialidade preferiram ficar no "wint and see" (esperar para ver), resultando em mudanças de peso quase marginal no mercado de moedas, no de ouro e no de eurobônus. "A sensação é de que as coisas ficarão mais claras, mais realistas, depois que o Citi aumentou suas reservas", explicou um economista do Barclays Bank.

O único a sofrer impacto direto foi o já superexcitado mercado acionário. Mesmo assim, uma flutuação como a registrada ontem pela bolsa londrina, onde se negociam mais de 6 mil papéis diferentes, tem acontecido com certa frequência nos últimos meses.

O Índice Financial Times de trinta ações industriais perdeu 28,2 pontos, descendo para 1.690,08 pontos.

Os grandes bancos comerciais britânicos, aos quais o Brasil, por exemplo, deve US\$ 8,5 bilhões em empréstimos de médio e longo prazo, foram os mais afetados.

O Lloyds e o Midland, que têm mais de 2,5% de seus respectivos ativos comprometidos com operações brasileiras, perderam cerca de 8,5% de seu valor em bolsa, enquanto o Barclays e o National Westminster, que têm menos de 1% de seus ativos e menos de US\$ 700 milhões cada um atados ao Brasil, perderam 3,3 e 5,2%, respectivamente.

O mercado temia no período da manhã que esses bancos fossem instados — como efetivamente o foram, no final da tarde de ontem — a aumentar suas provisões relacionadas com a dívida soberana (de países), depois do exemplo do Citicorp.

Robin Leigh-Pemberton, o governador (presidente) do Banco da Inglaterra (Banco Central), disse ontem, através de uma nota oficial (algo inusitado para o modo informal e discreto que a instituição tem de operar), que os bancos comerciais britânicos devem aumentar "de forma substancial" suas provisões.

Um funcionário do banco disse a este jornal que "não estamos dizendo, em nenhum momento, que o CitiCorp deva ser imitado de imediato. (...) Vimos falando sobre o tema há vários anos. (...) O alerta está relacionado com a iniciativa do Citicorp, mas não deriva dele".

Enquanto a bolsa se agitava, o dólar, o ouro e os eurobônus transitavam de forma nervosa, mas sem sinais definitivos de que

uma catástrofe estivesse iminente.

Falando à agência Reuters, um economista da Salomon Brothers International constatou que "trata-se (a provisão do Citi) provavelmente de apenas uma mudança contábil que não deve afetar o mundo real. Apenas move dinheiro que era um ativo para a rubrica da reserva".

(Continua na página 22)

As bolsas de valores brasileiras caíram ontem, com os investidores preocupados com que o endurecimento dos credores externos possa acentuar a recessão e também com problemas políticos e a alta dos juros. São Paulo caiu 5%, para 6.842 pontos; no Rio, o IBV médio recuou 4%, para 2.390,83 pontos. Foram negociados CZ\$ 606,4 milhões no mercado paulista e CZ\$ 336,8 milhões no carioca.

(Nas páginas 22)